

DISPOSITIVO DIGITAL MÓVEL NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO: POSSIBILIDADES E DESAFIOS PARA A PRÁTICA DOCENTE

Shirley Ferreira dos Santos ¹
Lívia Andrade Coelho ²

RESUMO

Os usos de smartphones e tablets se intensificaram desde a sua criação na década de 1990, e o intuito era tornar acessível tanto a comunicação quanto o acesso e compartilhamento de informações. Dados de pesquisas (2021), revelam que indivíduos brasileiros das diversas faixas etárias estão cada vez mais conectados, utilizando primordialmente os dispositivos digitais móveis para acesso à internet, seja para se comunicar, informar, trabalhar, aprender ou se divertir. Pesquisa TIC Domicílios 2021, realizada pelo Comitê Gestor de Internet no Brasil (CGI.br), identificou que cerca de 88,8% da população brasileira possui telefone celular e destes, 99,4% o utilizam para acesso à internet. Com o passar do tempo, estes recursos se tornaram imprescindíveis na função de mediadores das diversas atividades econômicas, culturais e de setores sociais, fato que se tornou, para a escola, um desafio para inserção e uso como mediadores nas atividades de ensino. Neste artigo discutiremos as situações-limites para apropriação e uso de dispositivos digitais móveis, em especial smartphones e tablets, nas práticas de ensino de docentes de uma escola pública, que oferta o Ensino Médio, em um município situado no interior do estado da Bahia. Trata-se do recorte de uma pesquisa em andamento, realizada no Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Educação, na Universidade Estadual de Santa Cruz, Bahia. Para tanto, optamos por uma abordagem qualitativa, de cunho descritivo, do tipo pesquisa-ação. Para construção dos dados utilizamos questionários e grupo focal. Os participantes são professoras/es, gestores e estudantes do Ensino Médio regular, da instituição de ensino aqui sinalizada. Os resultados iniciais revelam que as/os professoras/es compreendem que os dispositivos móveis fazem parte do cotidiano dos estudantes e, por isso, podem ser utilizados para facilitar a aprendizagem por meio das suas variadas funções/opções, contudo, ainda encontram dificuldades para esse uso no cotidiano escolar, devido as questões infraestruturais da escola.

Palavras-chave: Ensino Médio, Escola Pública, Docência, Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, Cultura digital

INTRODUÇÃO

Os usos de smartphones e tablets se intensificaram desde a sua criação na década de 1990, e o intuito era tornar acessível tanto a comunicação quanto o acesso e compartilhamento de informações. Neste crescimento de usos, indivíduos das diversas faixas etárias estão cada

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual de Santa Cruz - BA, Docente da rede estadual de ensino da Bahia. Grupo de Estudo e Pesquisa em Comunicação e Educação - GEPECE/UESC. E-mail: sfsantos1@uesc.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-1099-6960>

² Doutora em Educação (UFBA). Professora Titular no Departamento de Ciências da Educação da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) - Brasil. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE/UESC. Grupo de Estudo e Pesquisa em Comunicação e Educação - GEPECE/UESC. E-mail: livia@uesc.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0859-0271>.

vez mais conectados, utilizando primordialmente os dispositivos digitais móveis para acesso à internet, seja para se comunicar, informar, trabalhar, aprender ou se divertir.

De acordo com a pesquisa TIC Domicílios 2021, realizada pelo Comitê Gestor de Internet no Brasil (CGI.br), cerca de 88,8% da população brasileira possui telefone celular e destes, 99,4% o utilizam para acesso à internet. Sendo assim, estes recursos se tornaram imprescindíveis na função de mediadores das diversas atividades econômicas, culturais e de setores sociais, fato que se tornou, para a escola, um desafio para inserção e uso como mediadores nas atividades de ensino.

Neste artigo discutiremos as situações-limites para apropriação e uso de dispositivos digitais móveis, em especial smartphones e tablets, nas práticas de ensino de docentes de uma escola pública, que oferta o Ensino Médio nas modalidades regular e Educação de Jovens e Adultos - EJA, em um município situado no interior do estado da Bahia. Trata-se do recorte de uma pesquisa em andamento, realizada no Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Educação, na Universidade Estadual de Santa Cruz, Bahia. Para tanto, optamos por uma abordagem qualitativa, de cunho descritivo, do tipo pesquisa-ação. Para construção dos dados utilizamos questionários e grupo focal. Os participantes são os gestores, os/as docentes e os/as estudantes da modalidade regular, da instituição de ensino aqui sinalizada.

TECNOLOGIAS DIGITAIS: CONCEPÇÕES E APROPRIAÇÕES

Tecnologias são recursos que sempre se fizeram presentes na sociedade e esta se desenvolveu em associação ao desenvolvimento tecnológico, tornando-se elementos intercomplementares. De acordo com Castells e outro (2005), vivemos numa sociedade em rede, fato que nos coloca numa condição dialógica com o uso da tecnologia digital e isto nos convida a discutir os sentidos atribuídos à este recurso, fazendo um recorte dos seus usos relacionados à informação e comunicação, potencializados pelo advento dos artefatos digitais com acesso à rede de internet, pelo fato de ampliarem a comunicação, a criação, possibilitar a reestruturação do processo educacional, ampliar os sentidos e modificar o aprender/ensinar na escola.

Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), são recursos que possuem convergência de artefatos e possibilitam a conexão em rede, por isso amplia a capacidade de comunicação e modificação da linguagem, através dos quais seus usuários podem ler, ouvir, interagir, produzir e publicar utilizando o vídeo, a fotografia, os editores em geral. Segundo o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.br), responsável pela pesquisa TIC Domicílios (2021), no Brasil, 99% da população usuária de

internet o faz pelo celular, 26% por notebooks e 10% através de tablets. Estes dados evidenciam o potencial acesso à informação e à comunicação via dispositivos digitais moveis pela população brasileira em seus diversos usos, o que certamente se desdobra no campo da educação, entre os/as estudantes e docentes principalmente devido a convergência de mídias e ubiquidade, ou seja, de estar o tempo todo conectado, Lucena et. al. (2020)

Este movimento reduz, para Ferreira (2012), as fronteiras entre o espaço virtual e espaço físico, o que amplia a comunicação instantânea e se traduz numa nova configuração das relações entre sujeitos e suas práticas sociais. Considera-se importante trazer à discussão estes conceitos, devido à sua relevância na percepção da forma de apropriação das TDIC para além das práticas para consumo de informação, mas, principalmente, como praticantes culturais numa nova era de artefatos digitais.

Lucena (2016, p. 283) afirma que o desenvolvimento da Web 2.0, caracterizada pela colaboração e interação, não é só marcada pelos programas e interfaces, mas “por uma nova forma de pensar e de interagir entre os praticantes culturais, que estão cada vez mais voltados para produzir e publicar do que apenas para consumir informações”. Santaella (2013) pontua que as mídias são indissociáveis dos modos de socialização, pois a cada surgimento de nova mídia, uma nova forma social própria é instaurada, sendo assim, a cultura digital é construída na/pela cibercultura, tornando-as elementos quase indissociáveis.

De acordo com Lucena e Oliveira (2014) as tecnologias móveis e em rede possibilitam uma comunicação que se desenvolve em lugares não-fixos, se utilizando de diferentes linguagens e processos sociotécnicos característicos da cultura da mobilidade. Logo, tablets, notebooks, smartphones são os dispositivos que grandemente representam e possibilitam este fluxo de comunicação não fixo, enquanto convergência de espaços, necessitando um pensar sobre eles no conjunto de suas possibilidades e para além da sua condição instrumental.

Estes fatores desafiam a educação escolar ainda por vezes delimitada às práticas convencionais de ensino, baseada na transmissão e recepção, que centraliza a figura do/a professor/a, e com um currículo que se configura em listagens de saberes pré-estabelecidos. Diante de um cenário de práticas como as apontadas anteriormente, importa considerar os desdobramentos na educação escolar, existentes ou não, causados pela presença dos artefatos tecnológicos e sobretudo pelas práticas de culturas digitais. Importa também considerar os papéis dos sujeitos-alvo do processo de ensinar/aprender, a saber, os/as estudantes. Sob esta percepção, é que discutimos o processo de inserção das tecnologias na educação, seus usos e sua relevância nas práticas de ensino de modo crítico e significativo.

Práticas pedagógicas mediadas pelas TDIC: perspectivas e desafios

O trabalho pedagógico mediado pelas tecnologias em sala de aula, em especial os dispositivos digitais móveis, requer novos olhares acerca do papel do/a professor/a. Para Moran (2015), o docente deve ter um papel mais ativo, um *designer* de caminhos que, com sua experiência nas áreas do conhecimento, possa ampliar as possibilidades para aprendizagem. Segundo o autor, o papel docente atual é muito mais amplo e complexo, não-detentor das informações, mas principalmente um mentor de roteiros personalizados de aprendizagem.

No entanto, o que se percebe é que ainda há algumas lacunas quanto ao engajamento docente, algumas resistências quanto ao seu uso na escola. Lucena (2016, p. 286) afirma que,

o que se percebe é que as políticas públicas educacionais de formação para o uso das TIC, na maioria das vezes, são pautadas em uma perspectiva de incluir o professor em um modelo instrumental, preparando-o apenas para utilizar aplicativos operacionais sem considerar a sua autoria na produção dos materiais pedagógicos.

A utilização dos dispositivos móveis na escola demanda por mudanças significativas para os/as docentes e toda equipe gestora. Se há uma mudança nas formas de aprender na contemporaneidade, com a utilização destes artefatos, há também uma necessidade de novas estratégias metodológicas para ensinar. Consideramos como possibilidade desenvolvimento da fluência digital e pedagógica, um conceito que, de acordo com Mallmann e Mazzardo (2013), envolve domínio técnico e reflexivo sobre a diversificação das metodologias aplicadas ao uso da tecnologia. Segundo as autoras, as práticas pedagógicas precisam ser pensadas e implementadas levando em consideração conhecimentos conceituais e práticos, teoria e ações.

Podemos apontar a função de curadoria docente como um dos aspectos da fluência sobre a qual estamos nos referindo. Estudantes na atualidade estão imersos em práticas nas redes sociais e apreendendo cada vez mais informações advindas de diversas fontes na internet, todas provocadas pela força dos algoritmos³, o que segundo Santos (2022) torna o professor o elo de ligação entre estudantes e a informação, ressaltando ainda que

O papel de evitar a nocividade dos algoritmos e restringir as redes sociais a um uso pedagógico e benéfico ao aprendizado é essencial aos alunos, e um professor/curador mais do que passar informação correta aos seus alunos, é a pessoa responsável por ensinar a aprender, e principalmente, desviar das mazelas de um mundo conectado. (Santos, 2022, p. 09)

Neste cenário, desenvolver estas habilidades significa utilizar as tecnologias digitais não somente pela familiaridade que o docente possui com os artefatos: requer pensar como isto se

³ Conjuntos de procedimentos que, na internet, são responsáveis por processar grandes volumes de informações classificar conteúdos em redes sociais, fazer buscas mais eficientes ou criar recomendações personalizadas. Disponível em <https://olhardigital.com.br/2022/07/05/internet-e-redes-sociais-o-que-e-algoritmo/>. Acesso em 15 jun. 2023

repercute no planejamento e desenvolvimento de suas práticas, conforme afirma Modelsky *et al.* (2019). Sem dúvida, o debate acerca da formação profissional docente é fundamental como sustentação para o avanço nas discussões sobre as práticas com as TDIC, não somente a formação inicial, mas, sobretudo, a que se mantém nos espaços educativos, trazendo possibilidades de pensar o trabalho docente para além de meros executores dos processos implementados de fora para dentro das instituições.

Esta perspectiva nos permite pensar a formação docente para os processos de autoria, compartilhamento e fortalecimento dos saberes e práticas culturais tão amplamente oportunizados pelo uso dos diversos artefatos digitais. Ademais, a chave da profissionalidade docente, conforme Nóvoa (2022) está na tomada de consciência sobre o que se sabe e na capacidade de sistematização, nas quais a colaboração é fundamental. A escola, neste aspecto, precisa ser pensada não somente para receber recursos tecnológicos nos seus espaços, mas, também, utilizá-los de forma consciente, que possibilite a construção, troca de saberes e práticas diversas. Coelho (2014, p. 91), afirma que:

a escola é um dos espaços onde o cidadão deve ter acesso às tecnologias digitais, para que todos que a frequentem tenham condições de se apropriar desses bens para pleno exercício da cidadania, como demanda específica da sociedade contemporânea.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei N. 9394/96, em seu artigo 35, afirma que o Ensino Médio, etapa final da educação básica [...], terá como uma de suas finalidades “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (Brasil, 2019). Em acordo com esta lei, as Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio orientam que esta modalidade precisa garantir não somente ações voltadas para a cultura e linguagem digital como também o protagonismo dos/as estudantes para autoria e inovação (Brasil, 2012).

Estes documentos apontam para o exercício das práticas anteriormente discutidas, no sentido de preparar os/as discentes, adolescentes e jovens, do Ensino Médio para os usos das tecnologias em pleno diálogo com as culturas digitais das quais são protagonistas.

Dados da pesquisa TIC Educação (2020), realizada pelo CGI.br, por meio do CETIC.br do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), revelam que 90% dos estudantes de ensino médio das escolas públicas utilizam o celular para realização de atividades escolares. Ainda nesta pesquisa é revelado que cerca de 42% dos gestores escolares declararam reunir mensalmente com professores e demais funcionários para discutir o uso das TIC na escola, o que revela que há iniciativas que partem dos próprios atores nessa direção.

Com base nos dados fornecidos pela Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) até março de 2023, 94% das escolas públicas brasileiras possuem acesso à internet.

Deste total, 98,8% nas escolas de área urbana e 86% nas da área rural. Estes números evidenciam o crescimento quanto à presença da internet na escola, fruto de ações preexistentes nas políticas públicas para inserção, mas, ainda constituindo-se um desafio sua utilização no contexto de gestão e pedagógico destas instituições de ensino, conforme discutiremos no próximo tópico.

Políticas para inserção de TDIC nas escolas de Ensino Médio da Bahia: alguns desdobramentos

Desde a década de 1980 foram realizadas diversas ações resultantes de programas e projetos para a inserção das tecnologias nas escolas brasileiras, como resultado de legislações que contemplaram esta temática. O Projeto Brasileiro de Informática em Educação - EDUCOM (1985), Programa Nacional de Informática Educativa – PRONINFE (1989), Programa Nacional de Informática Educacional - PROINFO (1987), Projeto Um Computador por Aluno - UCA (2007), Programa de Inovação Educação Conectada (2017), que se tornou uma política pública em 2019, são exemplos das ações de iniciativa pública federal, implementadas por adesão, em regime de cooperação e colaboração com estados e municípios.

Em 2020 foi realizada uma avaliação pelo Tribunal de Contas da União - TCU para mensurar e avaliar os gastos com infraestrutura de tecnologia e conectividade diante da constatação de que, apesar das políticas públicas implementadas, havia ainda despreparo das escolas no que concerne à estrutura digital (Carta Capital, 2022). De acordo com o mapeamento, algumas insuficiências foram apontadas desde deficiência no número de equipamentos para estudantes, falta de manutenção de equipamentos, ausência de formação de docentes e outros problemas ligados a ineficiência de distribuição do sinal de internet.

Dito isso, escolhemos duas ações de Estado para inserção das TDIC nas escolas públicas, consideradas relevantes para discutir nesse texto: a primeira, a Política de Inovação Educação Conectada (2017) dado à sua instituição e política em vigência, inclusive nas unidades escolares as Bahia e a segunda, o Projeto e-Nova Educação (2018), pelo fato de ser totalmente implementado e gestado pelo Governo do Estado da Bahia.

A Política de Inovação Educação Conectada - PIEC, instituída pela Lei nº 14.180/2021, foi implementada através de um processo que decorre desde o ano 2017, sob forma de Programa foi instituído com o objetivo de “apoiar a universalização do acesso à internet em alta velocidade e fomentar o uso pedagógico de tecnologias digitais na educação básica” (Brasil, 2017). O documento objetivava assegurar as condições necessárias de apoio técnico, cursos de formação docente, criação de parâmetros e referenciais técnicos e também disponibilização de

materiais pedagógicos sobre o uso de tecnologias digitais. Para ter acesso às suas ações, as redes de ensino estaduais e municipais devem realizar a adesão, e no caso das redes estaduais, indicar as escolas que estarão habilitadas a participar.

De acordo com a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), em 2022 os 417 municípios do Estado da Bahia realizaram adesão ao Programa, além das escolas da rede estadual, incluindo o Colégio Estadual de Ipiauí, lócus da pesquisa. A unidade escolar, segundo o site Medidor Educação Conectada, conta com 63.9 Mbps/aluno instalado desde 2019, por ação do PIEC, para atender aos 771 estudantes distribuídos nos três turnos de funcionamento. Para tal, foram repassados em 2019 o valor de R\$ 3.892,00 (Três mil, oitocentos e noventa e dois reais) para custear a infraestrutura necessária.

A segunda ação se deu com o lançamento do Projeto denominado E-nova Educação, pelo governo do Estado da Bahia, em parceria com o Google e o Instituto Paramitas⁴, quando adquiriu um domínio da plataforma GSuíte, atualmente chamada Google Workspace, que dava acesso ao conjunto de aplicativos e ferramentas que serviriam de suporte ao trabalho docente com estudantes, com base na tecnologia de armazenamento em nuvem, os quais envolviam trabalho com textos, ambientes de videoconferência, elaboração de formulários e espaços para repositórios de conteúdos, além de contas de Email institucional para docentes e estudantes matriculados na rede estadual.

Na etapa inicial, sua fase piloto, foram contempladas 20 escolas que oferta diversas modalidades, distribuídas em 11 municípios baianos. Para esta etapa 300 chromebooks⁵ foram adquiridos e cerca de 650 educadores receberam formação específica, promovida pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) juntamente com o Instituto Paramitas, para utilização dos equipamentos e seus aplicativos. Para atender à esta demanda de formação, desta vez gestada e implementada pelo Estado da Bahia em 2017, foi estruturado o Curso *Uso Pedagógico de Tecnologias Educacionais*, destinado a docentes e coordenadores/as pedagógicos da rede estadual de ensino.

De acordo com dados da Secretaria de Educação, na segunda fase de implementação, em 2018, o projeto ampliou o atendimento, cerca de 24.000 profissionais tiveram acesso ao conteúdo, treinados e certificados pela UFBA, “com o objetivo de prepará-los para o envolvimento de seus alunos no uso das tecnologias que chegam nas escolas este ano [2018]” (Bahia, 2018). Ao final do curso, munidos da certificação de participação, os/as docentes

⁴ Disponível em <https://www.institutoparamitas.org.br/web/nossahistoria.php>. Acesso em: 10 mar. 2023

⁵ Laptops produzidos pela Google e empresas parceiras. Disponível em: https://edu.google.com/intl/ALL_br/chromebooks/overview/ Acesso em 04 jun. 2023

receberiam um percentual acrescido ao salário base, garantido pela política de promoção e valorização da carreira do magistério, prevista em Lei.

A experiência no uso de equipamentos e aplicativos ofertados pela Google, no âmbito da formação docente ofertada pelo Projeto e-Nova, se apresentou como uma ação governamental para uso de tecnologias nas escolas de grande alcance e investimento – cerca de 22 milhões⁶ investidos entre equipamentos, rede de acesso e formação – e contou com disponibilização de espaços de construção e acesso a materiais planejados e executados pela UFBA, através da plataforma Moodle em formato totalmente remoto, sob a premissa de que os/as docentes a qualquer tempo poderiam realizar sua formação. Para Bonilla e Souza (2014) isto negligencia aspectos importantes da formação docente como interatividade, produção colaborativa, aprendizagem compartilhada, aspectos necessários ao percurso de formação profissional. Nos mobiliza a pensar em outras construções no campo pedagógico para utilização das TDIC na escola do século XXI, construções que não se limitem a perspectivas de treinamento, mas que avancem nos seus usos de modo mais dialógico e horizontal, valorizando o “lôcus primeiro e natural dos processos de inclusão digital” (Bonilla, 2010).

Esta questão é de grande relevância no sentido de que na atual dinâmica de relações no meio digital e nas práticas fortalecidas pela mobilidade, é preciso pensar sobre o acesso às TDIC como uma real necessidade de inclusão digital principalmente nas escolas públicas brasileiras, questões que discutiremos mais adiante.

METODOLOGIA

Este artigo é fruto de um pesquisa em andamento, que ocorre numa escola pública que oferta o Ensino Médio nas modalidades Regular e EJA da rede estadual de ensino da Bahia. Utilizou-se uma abordagem qualitativa, optando pela pesquisa-ação, definida por Thiollent (2011) como tipo de pesquisa social e empírica, na qual pesquisador e participantes estão estritamente envolvidos com a situação problema a ser resolvida de modo cooperativo ou participativo. Os instrumentos utilizados para a construção dos dados foram o questionário, para obter dados do perfil de docentes e gestores, o grupo focal, como forma de conhecer a percepção e as práticas docentes sobre os usos de smartphones e tablets nas aulas, e também uma roda de conversa com estudantes da modalidade regular, representados pelos líderes de classe.

⁶ Disponível em <https://itforum.com.br/noticias/google-vai-equipar-500-escolas-publicas-da-bahia/> Acesso em 04 jun. 2023

Num primeiro momento foram realizados 03 encontros com grupos de docentes por área de conhecimento, utilizando o espaço/tempo da Atividade Complementar (AC) semanal, quando os/as docentes se reúnem para desenvolvimento de planejamento e discussões acerca das ações pedagógicas da escola: na terça-feira, encontro com Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, na quarta-feira, Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e na quinta-feira, Matemática/Ciências da Natureza e suas tecnologias. Neste primeiro momento as discussões foram conduzidas sob o prisma das seguintes questões-chave: **1. De que forma vocês utilizaram smartphone ou tablet nas aulas? 2. De qual modo ocorreu? Quais foram os objetivos? Houve dificuldades? 3. Qual foi a reação dos alunos? 4. As formações continuadas que vocês cursaram contribuíram para o trabalho com as TDIC? Como? 5. O que você pensa sobre o uso dos dispositivos móveis no ensino?** Os registros foram feitos sob forma de áudio para posterior transcrição.

Num segundo momento foram gravados 3 encontros com líderes de classe, um por turno de matrícula, para discussão das seguintes questões: **Você tem professor/a que utiliza tablet ou smartphone nas aulas? O que ele/ela já fez? O professor deve utilizar o tablet ou smartphone nas aulas? Como você gostaria que seu smartphone ou tablet fosse utilizado por seu/sua professor/a nas aulas?** Os vídeos foram editados para posterior apresentação aos docentes e fomento de uma segunda discussão num outro momento de AC agendado previamente com a coordenação da escola.

Num terceiro momento foi realizada a segunda reunião de grupo focal com docentes também por área do conhecimento, desta vez com discussões acerca do vídeo onde são expostas as expectativas dos estudantes sobre o uso das TDIC na escola.

ALGUNS RESULTADOS E APONTAMENTOS

Os dados construídos objetivavam traçar o perfil docente, apresentaram relevante percentual de uso pessoal, formação e utilização das TDIC nas práticas de ensino. Dos 19 questionários respondidos, 69% revelaram já ter recebido formação para uso das TDIC na escola, 58% utilizam smartphone ou notebooks para acessar internet e 84% informou utilizar TDIC nas suas aulas. Estes dados coadunam com a perspectiva de que estes indivíduos, são praticantes do movimento de digitalização da sociedade atual e imersos na cultura digital.

As falas dos/as docentes organizadas e alocadas em eixos, utilizando para tanto a análise do discurso, de onde emergiu os seguintes eixos: **Experiências com o uso das TDIC; Dificuldades enfrentadas com uso das TDIC nas aulas; Contribuições das formações continuadas para o uso das TDIC; Percepções docentes sobre o uso das TDIC.**

Os resultados iniciais revelam que as/os professoras/es compreendem que os dispositivos móveis fazem parte do cotidiano dos estudantes e, por isso, podem ser utilizados para facilitar a aprendizagem por meio das suas variadas funções/opções, contudo, ainda encontram dificuldades para esse uso no cotidiano escolar, devido as questões infraestruturais da escola, como, por exemplo, quantidade de equipamentos e sinal de internet insuficiente, considerando a quantidade de pessoas que compõem a comunidade escolar, 1.200 discentes matriculados, de acordo ao Censo Escolar (2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação docente na contemporaneidade demanda por reflexões e principalmente políticas públicas que superem a formação meramente instrumental, centralizada e verticalizada. Especialmente para o uso das tecnologias, o docente precisa não tão somente se instrumentalizar, mas também se apropriar dos artefatos de modo a oportunizar os/as discentes uma aprendizagem crítica e mais significativa. Ressalta-se que este processo exige mutualidade entre recursos materiais e construção de saberes pedagógicos, numa formação contínua e prática.

No decorrer da pesquisa pretendemos aprofundar as discussões sobre as situações-limites para a apropriação e uso dos dispositivos digitais móveis, em especial smartphones e tablets, nas práticas de ensino de docentes. As percepções identificadas revelaram o reconhecimento da relevância dos artefatos tecnológicos entre estudantes e docentes, mas apontam claramente dificuldades relacionadas à infraestrutura de rede na escola.

Não se trata de discutir apenas a relevância da formação docente e o conhecimento usual de estudantes, mas desenvolver tratativas que deem suporte para que muitas outras reflexões e investigações nos convidem, dando aporte para que novas pesquisas, se construam, no intuito de pensar coletivamente entre os pares os usos críticos dos dispositivos, dada a sua condição de não-neutralidade, de mediação e construção das subjetividades e à estrutura econômica a qual eles servem.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, T.; DOMICIANO, C. A. Novas formas de privatização da gestão educacional no Brasil: as corporações e o uso das plataformas digitais. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 14, n. 30, p. 670-687, set./dez. 2020. Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>> Acesso em 09 mar. 2023

BONILLA, M. S.; PRETTO, N.L. Política educativa e cultura digital: entre práticas escolares e práticas sociais. **Perspectiva**, v. 33, n. 2, p. 499-521, 2015.

BONILLA, Maria Helena Silveira. Políticas públicas para inclusão digital nas escolas. **Motrivivência**, n. 34, p. 40-60, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução n. 3, de 21 de novembro de 2018**. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, Diário Oficial da União, n. 224, 22 nov. 2018, p. 21-24. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=22/11/2018&jornal=515&pagina=21>>. Acesso em: 28 dez. 2022

CASTELLS, M.; CARDOSO, G. **A sociedade em rede**: do conhecimento à ação política. Conference promoted by the President of Republic, 4-5 march 2005. Centro Cultural de Belém, Lisboa, Portugal, 2005.

COELHO, L.A. **Contextos de uma política pública**: (des) caminhos dos governos para a inserção das tecnologias digitais nas escolas públicas. 211p. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2014. Disponível em: <http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/coloquiolusobrasileiro/tudo.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2020

FERREIRA, H. C. **A mediação dos dispositivos móveis nos processos educacionais**. Revista Teias v. 13, n. 30. p. 209-226. set./dez. 2012.

LEI Nº 14.180, DE 1º DE JULHO DE 2021. Institui a Política de Inovação Educação Conectada. 60

LUCENA S.; OLIVEIRA J. M. Culturas digitais na educação do Século XXI. **Revista tempos e espaços em educação**, v. 7, n. 14, p. 35-44, 2014.

LUCENA, S. Culturas digitais e tecnologias móveis na educação. **Educar em Revista**, p. 277-290, 2016.

LUCENA, S.; SANTOS, S. A.; PEREIRA, J. L. Dispositivos móveis: o smartphone na sala de aula. Tecnologias digitais, redes e educação: perspectivas contemporâneas. Salvador: **Edufba**, 2020. 183 p.

MALLMANN, E. M; MAZZARDO, M. D; **Fluência Tecnológico-Pedagógica (FTP) em Recursos Educacionais Abertos (REA)**. Santa Maria, RS: UFSM, GEPETER. 2020

MODELSKI, D.; GIRAFFA, L. M.M; CASARTELLI, A.O. Tecnologias digitais, formação docente e práticas pedagógicas. **Educação e Pesquisa**, v. 45, 2019.

MORAN, José. **Educação híbrida: um conceito chave para a educação**. In.: BACICH, TANZI & TREVISANI. Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação, organizado por – Porto Alegre: PENSO, 2015.

NÓVOA, A. **Escolas e professores- proteger, Transformar, Valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022. 116 p. 61



PRETTO, N. L; BONILLA, M. H. S. Política educativa e cultura digital: entre práticas escolares e práticas sociais. **PERSPECTIVA**. Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 499 – 521. maio /ago. 2015

SANTAELLA, Lúcia. Desafios da ubiquidade para a educação. **Revista Ensino Superior Unicamp**, v. 9, n. 1, p. 19-28, 2013.

SANTOS, S. V. **Col@b formacional com as culturas digitais: tecendo redes docentes interativas e colaborativas**. 277p. Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão. Sergipe, 2021. 62

Secretaria da Educação do Estado da Bahia. **e-Nova Educação**. Disponível em: <https://sites.enova.educacao.ba.gov.br/entenda-o-projeto>. Acesso: em 22 out. 2022.

TIC EDUCAÇÃO: **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas escolas brasileiras - TIC Educação 2020**. São Paulo: Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, 2020. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/educacao/indicadores/>. Acesso em: 28 mai. 2022